

A ESCOLA ITINERANTE DE INFORMÁTICA DA PREFEITURA DO RECIFE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO DIGITAL – LIMITES E POSSIBILIDADES

Recife – PE – Maio 2009

Flávia Barbosa Ferreira de Santana – Universidade Federal de Pernambuco –
flaviabfs@hotmail.com

Categoria (Pesquisa e Avaliação)

Setor Educacional (Educação Média e Tecnológica)

Natureza (Descrição de Projeto em Andamento)

Classe (Investigação Científica)

RESUMO

O termo inclusão digital já se tornou comum, o problema é que se fala muito sobre democratização do acesso e inclusão digital, mas sem uma análise do que realmente essa inclusão promove, se ela atinge os objetivos desejados, quais suas conseqüências para a sociedade, entre outras possibilidades. A inclusão digital é vista hoje como requerimento básico para a formação do cidadão, tornando-se peça fundamental para o exercício à cidadania, à vida profissional, ao ensino, à pesquisa, a uma inserção social adequada aos novos parâmetros da sociedade contemporânea. Isso justifica a presença da tecnologia no campo educacional uma vez que, traz um novo olhar sobre a escola e que estabelece e prioriza o desenvolvimento integral do homem e sua inserção crítica no mundo em que se vive. Tendo como objetivo sine qua non repensar a questão de atitudes e valores.

Palavras chaves: Inclusão Digital; Tecnologia; Escola de Informática

1. Justificativa

A inclusão digital é vista hoje como requerimento básico para a formação do cidadão, tornando-se peça fundamental para o exercício à cidadania, à vida profissional, ao ensino, à pesquisa, ou seja, a uma inserção social adequada aos novos parâmetros da sociedade contemporânea.

O termo inclusão digital já se tornou comum, o problema é que se fala muito sobre democratização do acesso e inclusão digital, mas sem uma análise do que realmente essa inclusão promove, se ela atinge os objetivos desejados, quais suas conseqüências para a sociedade, entre outras possibilidades.

A inclusão digital cria condições para que o sujeito adquira habilidade de operar e comunicar-se a partir de um computador e produza, organize e se aproprie de informações. Segundo a wikipédia, a enciclopédia livre, “Inclusão digital é também simplificar a sua rotina diária, maximizar o tempo e as suas potencialidades” [1].

Porém, essa apropriação, ainda, é carente de profundidade em relação à análise do conteúdo e pensamento crítico, pois o foco está na aquisição de habilidades e conhecimentos mecânicos.

Para que haja inclusão digital deve-se: agregar valores que acenem para o desenvolvimento de atitudes e posicionamentos pessoais, dentre esses valores estão incluídos a ética, a autonomia, a responsabilidade e o aprender a aprender e criar condições para que o sujeito melhore sua qualidade de vida estabelecendo conexões entre habilidades, conhecimentos e valores, desenvolvendo o pensamento crítico. Esses valores passam pelo reconhecimento da cidadania como base para a atuação do homem na sociedade.

Deve-se partir do princípio que incluir digitalmente não é apenas apresentar o computador às pessoas ou ensiná-las como utilizar programas e aplicativos informáticos, muitas vezes *softwares* proprietários. Mas fazer com que elas compreendam que o computador pode ser utilizado em benefício próprio e coletivo, que ele pode ser um instrumento de mudança e transformação social, podendo usufruir desse suporte para a melhoria da

qualidade de vida da comunidade e atuem na transformação do seu contexto, através do uso da tecnologia.

Com o objetivo de concretizar a inclusão digital na cidade, a Prefeitura do Recife criou a Escola Itinerante de Informática que é: “Composta por seis ônibus laboratório que percorrem as comunidades oferecendo à população espaços de formação em informática e Internet. A Rede Municipal atua numa perspectiva de trabalhar junto à população os recursos tecnológicos como instrumentos para fortalecimento da cidadania e atendimento às demandas da comunidade. Cada veículo, climatizado e equipado com elevador para cadeirantes, 13 computadores, TV, vídeo, som, scanner, impressoras, circula pelas RPA de acordo com as demandas das plenárias do Orçamento Participativo, permanecendo dois meses em cada local.” [2]

Ainda, segundo a Prefeitura do Recife, “As unidades móveis proporcionam maior alcance, permitindo que o projeto chegue às comunidades mais distantes. A inclusão digital é garantida pela gratuidade e pelo fácil acesso.” [3]

Como a Escola Itinerante de Informática da Prefeitura do Recife está atuando e contribuindo para atingir os objetivos propostos em seu programa? Quais os limites e possibilidades de inclusão digital que permeiam a execução do projeto? Responder a essas questões contribuirá para desvelarmos a real concepção de inclusão que está sendo concretizada na Escola Itinerante de Informática, podendo colaborar para uma melhor inclusão das pessoas das comunidades que participam dos cursos promovidos por ela.

2. Hipótese

A hipótese é que ainda precisamos ampliar nosso conceito de inclusão digital e que as ações da Escola Itinerante de Informática são muito mais de adaptação dos sujeitos a uma sociedade exploradora e globalizada, no sentido de que a intenção é apenas preparar para o mercado de trabalho capitalista, do

que, propriamente, incluir democraticamente, criticamente e conscientemente o sujeito em uma realidade complexa e digital.

3. Revisão da Literatura

3.1. Inclusão social e digital: conceitos, objetivos e expectativas...

Hoje muito se tem falado sobre a inclusão social, ela é considerada condição vital para o desenvolvimento de qualquer cidadão, uma vez que é pré-requisito a participação na vida pública e por possibilitar o exercício de direitos e deveres. Demo, citado por Silveira, “define cidadania como a raiz dos direitos humanos” [4].

Essa inclusão social deve estar *a latere* com a inclusão digital.

É capital que a proposta de inclusão digital vai além da aquisição da habilidade, conhecimentos mecânicos e da instrumentalização em informática. Pretendemos partir da vertente que alguns autores, tais como De Luca, Cruz e Pellanda defendem.

De Luca afirma que “a inclusão digital deve favorecer a apropriação da tecnologia de forma consciente” [5]. Pellanda diz que: “É preciso pensar em estratégias de inclusão digital não estreitamente ligadas a adestramentos e acesso a serviços, mas estratégias ampliadas de inclusão social mediante uma cultura digital com o conhecimento e a consciência” [7]. Já Cruz afirma que: “Para ser incluído digitalmente, não basta ter acesso a micros conectados à internet. Também é preciso estar preparado para usar estas máquinas, não somente com capacitação em informática, mas com uma preparação educacional que permita usufruir seus recursos de maneira plena” [6].

Dessa forma, fica claro que a inclusão digital não é uma simples questão que se resolve comprando computadores e/ou ensinando as pessoas a utilizar esse ou aquele *software*. Inclusão digital pressupõe uma série de outros

objetivos conexos que não os meramente tecnológicos. É substancial unir pessoas e tecnologia em prol de uma vida mais digna para todos.

3.2. Tecnologia nas escolas e a necessidade da informática para uma formação além da profissional

A tecnologia na sociedade, principalmente o uso do computador, provocou profundas mudanças. Desde a percepção da realidade, do tempo e do espaço, até a construção de cidadãos mais competentes, qualificados e críticos. A escola não pode ficar aquém dessas mudanças.

Belloni, ao discutir a questão da tecnologia na escola, afirma que: "... a escola da pós-modernidade terá que formar cidadão capaz de 'ler e escrever' em todas as novas linguagens do universo informacional em que está imerso" [8].

Isso justifica a presença da tecnologia que traz um novo olhar sobre a escola, que estabelece e prioriza o desenvolvimento integral do homem e sua inserção crítica no mundo em que se vive. Tendo como objetivo *sine qua non* repensar a questão de atitudes e valores.

Sendo assim, a tecnologia na escola se faz necessária porque possibilita ao professor integrar o aluno aos diferentes espaços onde experimentam e conhecem a realidade, favorecendo a inserção em ambientes informais e profissionais. Fazendo com que eles compreendam o mundo e atuem na transformação do seu contexto.

Hoje, o paradigma emergente torna professor e aluno colaboradores na construção do conhecimento, conforme nos diz Santos e Radike: "O aluno deixa de ser receptor de informação para tornar-se responsável pela construção de seu conhecimento, usando o computador para buscar, selecionar, inter-relacionar informações significativas na exploração, reflexão, representação e depuração de suas próprias idéias, segundo seu estilo de pensamento. Professores (as) e alunos (as) desenvolvem ações em parceria,

por meio da cooperação e da interação com o contexto, com o meio e com a cultura” [9].

O aprender e o aprender com o outro são essenciais. Sendo necessário transformar as informações após reflexão e análise críticas, transformando seu cotidiano, contexto e comunidade. Leite afirma que “vivenciar novas formas de ensino e aprender incorporando as tecnologias requer cuidado com a formação inicial e continuada do professor” [10].

É fundante que o professor não deve ser repassador de conteúdos e sim mais um elemento que desencadeia mudanças no espaço escolar e social, devendo estimular o educando ao desenvolvimento de competências para lidar com a sociedade moderna, enfatizando a autonomia, a ética, a responsabilidade e a pesquisa, promovendo o desenvolvimento de pensamento crítico e reflexivo. Enfim, o educador de hoje deve agregar sua prática profissional ao seu papel social, mediando a construção e produção do conhecimento, visando o desenvolvimento integral do educando.

4. Objetivo Geral

Investigar qual concepção sobre inclusão digital permeia o projeto da Escola Itinerante de Informática e se as ações propostas no projeto são efetivadas na prática.

4.1. Objetivos específicos

Identificar a concepção sobre inclusão digital do Projeto da Escola Itinerante de Informática; Investigar quais ações estão sendo desenvolvidas pela Escola Itinerante de Informática para combate a exclusão digital e para inserção dos usuários no mercado de trabalho; Identificar a concepção sobre

inclusão digital que permeia as ações desenvolvidas pela Escola Itinerante de Informática.

5. Metodologia

A finalidade da pesquisa científica, segundo afirmam Selltz et al, é “descobrir respostas para questões, mediante a aplicação de métodos científicos” [11]. A metodologia utilizada terá uma abordagem qualitativa, uma vez que vai considerar a dialogicidade entre mundo real e os sujeitos (objetividade e a subjetividade).

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, pretendemos utilizar a técnica de observação, que é muito utilizada na pesquisa qualitativa e que de acordo com Marconi e Lakatos, “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” [12]. Além disso, a observação também nos dá a possibilidade de responder proposições preestabelecidas e pode ser aplicada individualmente ou associada a outras técnicas.

Além da observação, optamos também, pela técnica de entrevistas, semi-estruturadas, as quais, segundo afirmam Laville e Dionne: “Os temas são especificados e as perguntas (abertas) preparadas previamente. Mas toda a liberdade é mantida, no que concerne à retomada de algumas questões, à ordem na qual as perguntas são feitas e ao acréscimo de outras improvisadas” [13].

Ainda, Segundo Minayo, “Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos. Os primeiros podem ser também obtidos através de fontes secundárias, tais como censos, estatísticos e outras formas de registros. Em contrapartida, o segundo tipo de dados se relaciona aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados” [14].

Como proposta de análise dos dados coletados, tanto na observação quanto nas entrevistas, procuraremos estabelecer relações entre os dados

obtidos e as hipóteses formuladas, para mediante análise compará-las ou refutá-las.

Feito isto, interpretaremos os dados obtidos procurando dar um significado mais amplo às respostas, vinculando aos objetivos do problema a ser explorado.

5.1.Etapas previstas para o desenvolvimento do trabalho

A princípio o estudo será estruturado em seis etapas descritas no abaixo: seleção bibliográfica/Aprofundamento teórico; pesquisa, leitura, estudo e análise da proposta da Escola Itinerante de Informática; acompanhamento/observação das atividades da Escola Itinerante de Informática; realização de entrevistas e questionários com usuários e professores; análise das observações e entrevistas; análise dos dados/Avaliação do trabalho.

6. Considerações Finais

Na sociedade contemporânea a importância da tecnologia é evidente. O uso do computador provocou profundas mudanças, desde a percepção da realidade, do tempo e do espaço, até a construção de cidadãos mais competentes, qualificados e críticos.

A sociedade atual exige do indivíduo o desenvolvimento do conhecimento com consciência de tal forma que o sujeito tenha pleno discernimento dos objetos apreendidos e possa utilizar esse conhecimento em situações diversas.

A Escola Itinerante de informática compreende que precisa integrar o educando nessa sociedade que emerge, dando conta das dimensões sociais,

culturais, políticas, do mercado de trabalho e da vida, através de uma educação de qualidade, levando em consideração as histórias pessoais e o meio sociocultural de cada sujeito.

Acreditamos que a concepção sobre inclusão digital da Escola Itinerante de Informática está baseada nos pressupostos de uma inclusão digital para além da mecanização. Mas as ações são mais relacionadas à adaptação dos sujeitos a sociedade onde a intenção é preparar para o mercado de trabalho que ações para incluí-los em uma realidade digital que possibilite sua atuação ativa na comunidade.

Portanto, devemos ter clareza que os projetos autênticos em educação devem primar pelo uso da informação e do conhecimento após reflexão e análise críticas, possibilitando transformações no cotidiano, no contexto e na sociedade. A Escola itinerante de Informática da Prefeitura de Recife, através do seu Projeto, acredita que a inclusão digital vai proporcionar uma melhoria de vida do indivíduo permitindo sua melhor atuação na sociedade.

7. Referências

[1] WIKIPEDIA. http://pt.wikipedia.org/wiki/Inclus%C3%A3o_digital.

Acessado em 27/10/2008.

[2] PREFEITURA RECIFE.

http://www.recife.pe.gov.br/2007/07/02/mat_144795.php. Acessado em

23/10/2008.

[3] PREFEITURA RECIFE.

<http://www.recife.pe.gov.br/urbis2003/informatica.html>. Acessado em

23/10/2008.

[4] SILVEIRA, H. F. R. Um estudo do poder na sociedade da informação.

Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 3, p. 79-90, set./dez. 2000.

- [5] DE LUCA, C. O que é inclusão digital? In: CRUZ, R. O que as empresas podem fazer pela inclusão digital. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.
- [6] CRUZ, Renato. O que as empresas podem fazer pela inclusão digital. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.
- [7] PELLANDA, Nize. M. C.; SCHLÜNZEN, Elisa T.; SCHLÜNZEN, Klaus. S. J. (orgs.). Inclusão digital: tecendo redes cognitivas/afetivas. P.Rio de Janeiro:DP&A, 2005.
- [8] BELLONI, Maria Luiza. Tecnologias e Formação de professores: rumo a uma pedagogia pós-moderna? *Educação & Sociedade*. Campinas CEDES, ano XIX, nº 65, dez. 1998, pp. 143-162.
- [9] SANTOS, B.S. dos; RADIKE, M. L. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDA, Nize. M. C.; SCHLÜNZEN, Elisa T.; SCHLÜNZEN, Klaus. S. J. (orgs.). Inclusão digital: tecendo redes cognitivas/afetivas. Rio de Janeiro:DP&A, 2005.
- [10] LEITE, Lígia Silva (coord); POCHO, Claudia Lopes; AGUIAR, Márcia de Medeiros; SAMPAIO, Marisa Narcizo. Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- [11] SELTZ et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. Ed. revista e nova tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo, 1965.
- [12] LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. Fundamentos da Metodologia Científica. 5a. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- [13] LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean, 1999. A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto Alegres: Editora UFMG: Artmed.
- [14] MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Petrópolis: Vozes, 1994.